

Resenha

A series of vertical lines forming a template for a review. The lines are evenly spaced and extend from the bottom of the page up to the level of the title 'Resenha'. There are 20 vertical lines in total, creating 19 columns for writing.

FERREIRA, Paulo Rogers. *Os afectos mal-ditos: o indizível nas sociedades camponesas.* São Paulo: Hucitec, 2008.

Por **Daniel Gonçalves de Menezes**
Graduado e mestre em Ciências Sociais pela UFRN
Doutorando em Ciências Sociais na UFRN

Não é fácil se livrar dos mecanismos cognitivos do senso comum. Esse conhecimento naturaliza, petrifica e torna estático aquilo que, por definição, é dinâmico e relacional. As noções reificadas do senso comum são sorrateiras e, por mais que o pensamento reflexivo lute para estabelecer um salto qualitativo que as supere, elas podem aparecer, travestidas de conhecimento crítico, na própria “ciência”. Ciência que, se passa assim a operar, não poderá mais receber tal denominação e deverá ser alvo de uma desconstrução dos seus princípios opressores.

Essa é a questão fundamental que anima a análise realizada por Paulo Rogers Ferreira em *Os afectos mal-ditos: o indizível nas sociedades camponesas*. Nesse trabalho etnográfico sobre uma pequena cidade do estado do Ceará (2000 a 2004), chamada de modo fictício de Goiabeiras, baseado em um referencial teórico eclético e bem sistematizado, o autor aborda os limites explicativos e os preconceitos implícitos no Texto Brasileiro (TB) sobre o rural, sobretudo no modo como o TB interpreta as sociedades camponesas. Em sua análise, arvora-se a condição de verdade, que pretende dizer tudo sobre e pelo camponês, na qual o homem do campo aparece como um “Ser” previsível que vive em função do trabalho, da família, da religião e da comunidade. Nesse modelo, não há espaço para a alegria, para o desejo e suas múltiplas manifestações de sexualidade, para o gozo; em resumo, para as ações estratégicas do corpo desejante e desejado que não podem ser apreendidas pelas estruturas. Só o explícito pode ser dito. Só o imaginário instituído. Nada de mostrar o implícito, o indizível. Só aquilo que se enquadra no pensamento selvagem, que resume as categorias de pensamento à sua condição binária.

Para dar conta da tarefa a que se propõe, a obra está estruturada em três capítulos seguidos das considerações finais, em que são discutidos os

impactos engendrados pela emergência de uma nova maneira de enxergar as relações sociais nas sociedades camponesas.

Na estruturação da obra, percebe-se claramente – inclusive por indicação do próprio autor – um nexo entre os capítulos que permite dividi-la em três partes: apresenta uma pormenorizada análise do “imaginário instituído sobre as sociedades camponesas” e de como, até os dias atuais, “o corpo do camponês está pautado em um mito nostálgico da Criação, em que o corpo parece cumprir uma 'missão' divina da produção da espécie” (FERREIRA, 2008, p. 32). O segundo capítulo reconstrói os modelos teóricos com os quais o autor dialoga para fundamentar sua crítica ao TB e captar o implícito, o indizível na sociedade camponesa em que é feito o seu estudo empírico. Já o terceiro capítulo é dedicado à etnografia propriamente dita. O trabalho etnográfico é atravessado por uma constante busca por compreender e fazer surgir uma “estética dos afectos mal-ditos”, ao construir uma “cartografia do desejo”.

O primeiro capítulo traz a perspectiva crítica de desconstrução, inicialmente, da importação irrefletida e descontextualizada, para o Brasil, das categorias econômicas que foram forjadas e utilizadas para analisar as sociedades camponesas europeias e, posteriormente, de como essas categorias formaram e ainda permeiam o TB.

Aqui há uma preocupação em fazer uma escavação daquilo que funda o imaginário do TB. É, nesse sentido, curioso constatar como as principais obras produzidas na Europa voltadas para explicar as sociedades camponesas daquele continente vieram para o Brasil e que seus referenciais foram rapidamente empregados nas análises das sociedades camponesas brasileiras sem o menor cuidado em repensar tais sistemas teóricos e se eles são, de fato, válidos no sentido de ajudar a compreender a nossa realidade.

A perspectiva que reduzia o homem camponês europeu à atividade funcional do trabalho, da família e da natureza, logo também se torna uma constante facilmente verificada no TB. O camponês não deseja, tem sexualidade resumida ao casamento e à reprodução e vive para o trabalho e para a religião. O mundo rural é pintado, com as cores do imaginário daquele “homem médio” das grandes cidades, como o espaço da tranquilidade e da atividade comunal direcionada para a terra e para a família. Ao se apresentar como a verdade, o TB suprime o desejo, as relações polimorfos, o que está escondido, o que está camuflado, as relações que não podem ser enquadradas pelas análises binárias (alto/baixo, certo/errado, homem/mulher) dos autores que só pensam o mundo de um ponto de vista estrutural. No imaginário

instituído pelo TB, o corpo é apartado das suas inventividades, do elemento estratégico, de suas intensidades e paixões. O corpo se torna mera máquina produtiva, reprodutiva e funcional.

É importante, para não cair no imaginário instituído pelo TB, apresentar os limites de algumas correntes teóricas que pensaram e estabeleceram um diálogo com uma profusão de autores para renovar o modo como as sociedades camponesas são enxergadas. Para permitir que a subjetividade do homem do campo estrategicamente construída retorne das profundezas em que foi colocada pelo TB, é preciso reconstruir um novo arsenal teórico que dê conta dessas vicissitudes, um modelo de análise que consiga fazer surgir o corpo camponês, não apenas como constituído por uma engenharia funcional para o trabalho, mas também como uma máquina de guerra do desejo. É o que Ferreira trata de fazer.

Desenvolvendo um corajoso diálogo com a discussão sobre homossexualidades e gênero, Ferreira demonstra que, quando aparecem no texto do TB, as práticas homosociais figuram como acessórias e enquadradas pelas divisões binárias do “pensamento selvagem”. Não há espaço para o elemento aberto e estratégico. A preocupação é a de agarrar e normalizar pela via do discurso.

O problema para o TB é que o gênero não mais consegue capturar essas interações. Suas concepções não conseguem dar conta de um homem que mantém uma relação, ao mesmo tempo, ativa/passiva com o desejo, pratica sexo com homens e mulheres das mais variadas formas e desempenha, ininterruptamente, inúmeros papéis. Como é possível dizer que essa máquina desejante é masculina, feminina ou, em sua versão funcional anexa, homossexual? Tais enquadramentos tentam dimensionar aquilo que é fugaz, aberto e voltado para o devir criativo.

Para compreender o indizível das sociedades camponesas, faz-se necessário entender o papel, se é que possível denominar assim, que é desempenhado pelos “affectos mal-ditos”.

Esses seres possuidores de sexualidades fluidas e confluentes são, duplamente, “mal-ditos” pelo TB e “mal-ditos” pelas sociedades camponesas. O fuxico estigmatiza o desejo, que é, além disso, desconsiderado pelo TB. Apesar de habitarem o imaginário e as práticas dos agentes das sociedades rurais, os affectos mal-ditos passam por um constante esquecimento ativo, sem dúvida estratégico, o que possibilita sua renovação, restringindo, ao mesmo tempo, aquilo que é indizível nas sociedades camponesas. Os affectos mal-ditos habitam o terreno do implícito.

É justamente esse horizonte socioantropológico que Ferreira nos apresenta ao demonstrar seu exercício etnográfico, no terceiro capítulo, sobre o pequeno município de Goiabeiras. Após conseguir atravessar a aparência explícita do lugar, o antropólogo encontra “pais de família”, trabalhadores e religiosos devotos participando de ritos de experimentação nas moitas e na caatinga do sertão onde só há espaço para o desejo e para as máquinas corporais desterritorializadas. Ferreira encontra “cabras machos” e afectos mal-ditos desenvolvendo toda uma linguagem que permite marcar “esquemas” para “dar uma”. O “coçar o ovo”, menção verbal à homossexualidade, ao banho de rio e às “caças noturnas” é uma das táticas criadas para burlarem os olhares atentos dos moradores e não se enredarem em tais relações e enquadramentos.

Nas moitas meticulosamente preparadas pelos afectos mal-ditos surge o dom do roubo e não mais da troca. Nas noites regradas a catuaba e rum, os corpos desejantes e desejados praticam todo o devir-homem, o devir-mulher, o devir-animal, paixões inocentes e cruéis.

De todo esse contexto, surge um corpo camponês renovado, recriado e experimentado. As categorias impensadas do TB cedem espaço para uma nova maneira de enxergar as sociedades rurais. Nada mais de enquadramentos e antecipações. Adeus ao corpo camponês, pelo menos nos moldes do TB, mas não mais naquela energia que renova e torna possível o desejo e os afectos mal-ditos nessas sociedades.